

## Prefácio

Luiz Gonzaga Marchezan

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, AC. *O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 282 p. ISBN 978-85-7983-112-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## PREFÁCIO

Há muito Ana Cláudia da Silva lê a ficção de Mia Couto. Sua dissertação de mestrado sobre o autor, no ano 2000, coincide com os avanços, no Brasil, dos estudos acerca da obra do escritor moçambicano. Este livro, *O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto*, resulta da sua tese de doutorado no ano de 2010.

Mia Couto caracteriza-se dentro do sistema literário moçambicano como um fino contador de histórias, que se alimenta tanto da cultura de matriz banta, como da intertextualidade mantida com seus autores preferidos. Ana Cláudia flagrou, de modo apurado, mais uma travessura do autor: a maneira como o conto *Nas águas do tempo* (de 1994, publicado no Brasil em 1996) e o romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (de 2002, com edição brasileira de 2003) mantêm uma autointertextualidade. Esta foi sua tese.

Dessa forma, o discurso literário poroso de Mia Couto sustenta uma literatura africana em língua portuguesa, o que a estudiosa tão bem discute enquanto disserta sobre a formação da literatura moçambicana. Noutro momento, então, o achado de Ana Cláudia: a análise da função da autointertextualidade – o modo como o conto encontra-se desenvolvido no romance, a partir de aspectos da trajetória das personagens, sua formação e seu aperfeiçoamento acerca do entendimento do mundo, do universo da sua cultura, da institucionalização de sua nação.

O método da literatura comparada apoia a tese deste livro a partir de nexos comparativos localizados entre as categorias da ficção espaço e tempo trabalhados pela teoria bakhtiniana; no caso, a que provê a ideia de cronotopo. Tempos e espaços, cronotopos, constituem-se em conectivos, conexões entre os universos literários do conto e do romance interpretados. Dessa maneira, as personagens, no imaginário de Mía Couto, vivenciam, no tempo e espaço, circunstâncias da sua vida que atravessam, sem limites, questões da tradição moçambicana mescladas às da modernidade, o que traduz o próprio fazer literário do autor.

As narrativas analisadas, no caso, perpetuam tal período intercalar, que acomoda valores oriundos de substratos mitológicos com as experiências de realidades historicamente localizadas. Dessa maneira, conforme *Mitologias*, de Roland Barthes, os mitos constituem falas que lhes foram roubadas e resultam noutras que não se mostram as mesmas, quer no tempo quer no espaço.

Assim, conforme a estudiosa:

As culturas que subsistem na oralidade, em Moçambique, têm uma presença constante na obra do autor, que delas resgata elementos – histórias, mitos, crenças etc. – com os quais tece enredos que transitam entre o realismo e o inusitado das situações, permeados, sempre, de ironia, drama e crítica social, num equilíbrio que permite a abordagem de temas complexos – tais como as guerras, o racismo, a corrupção, o amor, a política e outros – de forma leve e bem humorada. Criatividade e competência literária, aliadas ao gosto de contar histórias e de permutar experiências tanto com o leitor como com outros autores, no diálogo intertextual, fazem da obra de Mía Couto um dos marcos mais importantes do sistema literário moçambicano. Por meio dela, uma identidade moçambicana, híbrida e, certamente, ficcionalizada, vai-se dando a conhecer em todo o mundo, abrangendo um número cada vez maior de leitores.

A ficção de Mía Couto, como vemos, não trabalha com demarcações de fronteiras entre o real e o sobrenatural, como demonstra o método de leitura de Ana Cláudia. O conto e o romance de Mía Couto em questão realizam, para o leitor, uma interlocução com a matéria literária atravessada pela oposição fundadora vida x morte, sensível a

toda a humanidade e, de forma singular, à sociedade moçambicana, alegorizada em situações, como já dissemos, que sobrepõem sua tradição à modernidade.

Ana Cláudia da Silva, leitora madura de Mia Couto, sempre soube que o ficcionista constrói suas narrativas por meio de motivos livres e composicionais, conforme observações de Tomachévski. Os livres funcionam de forma solta no âmbito das suas narrativas, transitam entre os mundos dos vivos e dos mortos; os composicionais deram à estudiosa os cronotopos – rio e casa, tematizados e figurativizados, configurados, que, para ela, constituíram-se no lugar da autointertextualidade. Diante disso, a autora realizou uma leitura e um inventário das obras voltados para o método comparado de análise literária. E deu-se muito bem.

*Luiz Gonzaga Marchezan*